



Gonçalo Madail

Diretor RTP Memória / Centro de Inovação RTP

Prof. Convidado Escola Superior de Comunicação Social

O planeta digital gira a uma a velocidade estonteante.
A Europa tem de a medir e regular. O país tem de saber acompanhar.
Mas todas as sinapses deste novo cosmos se interligam pela Literacia Digital.
Um desígnio nosso, de todos, que se constrói e se reforça naquele lugar onde todos os desígnios ganham vida.

Literacia Digital

O desígnio e o lugar mágico

Vivemos tempos agitados, mas desafiantes.

A sociedade transforma-se a uma velocidade nunca vista e a nossa capacidade de reagir parece ser insuficiente. A evolução da tecnologia e, em particular, dos sistemas de informação está a produzir efeitos decisivos e de toda a espécie, numa vertigem imparável.

Vamos percebendo que as redes sociais e a insondável camada de algoritmos em que se desenrolam vai moldando as correntes de opinião e, no fundo, as tomadas de decisão, numa escala difícil de medir, que tanto condiciona grupos e comunidades, como mobiliza enormes vagas sociais em torno de uma causa, de uma opinião política, numa lógica de bolha crescente, que só consome informação preferencial, seja ela baseada em factos verificados ou não.

O autor e investigador Yuval Noah Harari alerta que “os algoritmos nos dizem o que pretendemos”, que a torrente de informação que consumimos diariamente está condicionada e devidamente “ajustada” aos nossos gostos, preferências e reações.

Nesta vertiginosa torrente de informação, é cada vez mais difícil verificarmos a sua veracidade, separarmos o trigo do joio, reconhecermos as suas múltiplas origens.

O que se exige de todos nós, enquanto cidadãos responsáveis que ambicionam um futuro melhor, é a capacidade de distinguir, saber procurar e identificar o que procuramos.

Como dificilmente navegamos na internet sem a influência de algoritmos, só a nossa habilitação, só o nosso conhecimento adquirido nos poderá ajudar a discernir e a alcançar o que pretendemos com o mínimo de legitimidade e garantia.

Estamos mais imersos nesse vasto fluxo condicionado do que o que desejamos admitir. E este fluxo vive e alimenta-se no espaço público. Portanto, é também uma questão de consciência.

Nestes últimos e conturbados tempos, vimos assistindo a uma polarização das opiniões, a uma condescendência para com a ausência de fundamentação, a uma intensificação do escrutínio perante pessoas e acontecimentos, a uma crescente falta de entendimento sobre o que é dito e escrito, a uma autêntica batalha de interpretações pouco especializadas sobre um determinado facto, a um precipitado recrutamento de posições que pretende tornar-se vaga ou tendência.

As consequências são bem visíveis: por um lado, o alheamento generalizado nas relações sociais contaminado pelo medo e a desconfiança. Por outro, uma assustadora erosão da procura pela verdade, pelo contraditório, pelo debate justo, que paulatinamente vai corroendo os alicerces das instituições e da própria democracia.

O advento da internet, da virtualização e das redes sociais tem sido avassalador.

Estudá-lo e compreendê-lo tem sido uma verdadeira aventura.

Mas as conclusões vão emergindo e a mais decisiva e essencial reside, a meu ver, na Literacia Digital.

A sociedade só poderá continuar a calibrar-se e a resolver os seus desafios se houver uma maioria consciente e minimamente habilitada para compreender o devir tecnológico, seus dispositivos e mecanismos, mantendo-se assim mais preparada para a infinidade de novas consequências.

Tudo começa naturalmente por um manuseamento mínimo dos instrumentos, mas a compreensão do seu alcance depende da nossa mundividência, do nosso estofo intelectual, da nossa sensibilidade histórica e da nossa proporção individual no coletivo, a nossa perceção do Outro.

É inegável a rápida ascensão social que Portugal tem observado nos últimos 50 anos.

É inegável o combate bem-sucedido ao analfabetismo.

Mas é sempre trémula a nossa preparação para o fenómeno avassalador dos novos ecossistemas mediáticos.

Como profissional dos media, partilho sem reservas que este desafio nos assombra e, em muitas ocasiões, nos ultrapassa.

Vejo-o pela quantidade de vezes em que estamos expostos ao erro e quanto o praticamos, vejo-o pela crescente agressividade do escrutínio e do tom com que nos abordam, vejo-o pela doentia polarização das opiniões e de um maniqueísmo perante tudo à nossa volta que só lembra o mundo do futebol e dos seus mais flamejantes adeptos.

É-me claríssimo que a solução reside no reforço do investimento no ensino, na comunidade escolar e nessa autêntica ala avançada que são os docentes.

Sem eles e a sua sala de aula e sem eles na articulação com as famílias, será impossível engrossar e expandir a teia relacional, a rede emocional, o sistema social e a evolução da cidadania de que tanto precisamos.

Um país em que o acesso aos sistemas de informação cruciais é desigual é um país frágil, com uma participação coletiva fragmentada, distanciado do diálogo e da compreensão do que se passa. É também um país menos competitivo, mais alheado, parco em bem-estar e, sem dúvida, menos livre.

Mas lembremos que este debate está vivo, que muito se tem explorado para combater a iliteracia digital. Há vários estudos, programas de apoio, redes de voluntariado, iniciativas escolares e uma vontade crescente de olharmos para o problema com olhos de ver.

Em 2030, a união Europeia ambiciona que 80% dos seus adultos tenham competências digitais básicas. Em Portugal, essa ambição está identificada, mas urge garantir que está devidamente assimilada.

Recai uma gigantesca responsabilidade nos Media, na Educação e na Governação.

É inquestionável investir em melhores infraestruturas e dispositivos de comunicação, alargando-os incondicionalmente a todo o território.

É urgente o incentivo às competências digitais no ensino e no mercado de trabalho.

É imprescindível a coragem de implementar políticas que minimizem a desigualdade e promovam a inclusão.

É vital o reforço da segurança digital e a sensibilização para as boas práticas de utilização.

É imperioso o combate à desinformação generalizada.

É crítica a regulação dos novos mecanismos de Inteligência Artificial.

A Literacia Digital é um desígnio nacional.

E os desígnios nascem e constroem-se no mesmo lugar mágico de há milhares de anos - a Escola.